

Fundamentos LINGUÍSTICOS

Jonas Rodrigues Saraiva
Lúcia Regina Lucas da Rosa
Marcos Filipe Zandonai
(Orgs.)





O Estruturalismo de Saussure e o Gerativismo de Chomsky

Prezado(a) estudante.

Estamos começando uma unidade desta disciplina. Os textos que a compõem foram organizados com cuidado e atenção, para que você tenha contato com um conteúdo completo e atualizado tanto quanto possível. Leia com dedicação, realize as atividades e tire suas dúvidas com os tutores. Dessa forma, você, com certeza, alcançará os objetivos propostos para essa disciplina.

OBJETIVO GERAL



Apresentar a teoria estruturalista de Saussure e a teoria gerativista de Chomsky, suas bases epistemológicas, principais conceitos e interpretações teórico-metodológicas..

OBJETIVOS ESPECÍFICOS



- Estudar a gramática descritiva do Estruturalismo de Saussure: o signo linguístico, a noção de valor linguístico, língua e fala, sincronia e diacronia e sintagma e paradigma.
- Aprender sobre a gramática gerativista de Chomsky: noções de competência e desempenho, da faculdade da linguagem, da gramática universal, da gramaticalidade x agramaticalidade e dos princípios e parâmetros.

QUESTÕES CONTEXTUAIS



- O que é Linguística?
- Como surgiu a ciência da língua?
- Quais foram os primeiros tópicos estudados em Linguística?
- Quem foram os principais autores da Linguística no século XX?

2.1 Introdução

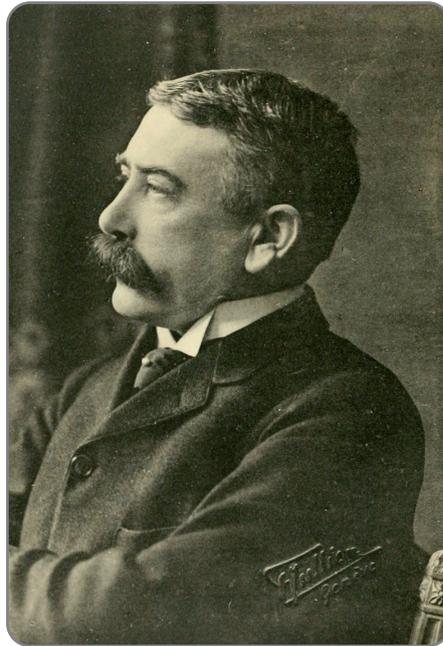
Você se lembra de como terminamos a Unidade anterior? É importante, se for o caso de não se lembrar, que volte ao texto para que possamos ter o mesmo ponto de partida nesta Unidade.

Se lembra de que estávamos falando de uma linha histórica dos estudos sobre as línguas? Paramos onde mesmo? Isso... no século XIX. E, nesta Unidade que estamos começando, nossa missão será a de observar a obra de dois dos maiores linguistas de todos os tempos (senão os dois maiores). Ambos viveram no século XX e, na nossa linha de tempo, é nesse século que vamos nos deter.

O primeiro é considerado o “pai da Linguística”, e nós vamos entender essa denominação daqui a pouco. Seu nome é Ferdinand de Saussure, um linguista suíço que nasceu em Genebra na segunda metade do século XIX (no ano de 1857 para ser exato) e faleceu em 1913.

Isso mesmo, embora tenha ficado conhecido no século XX, Saussure viveu a maior parte da vida no século anterior e, portanto, vivenciou toda a influência dos estudos linguísticos daquela época. Estudou sânscrito, indo-europeu, teve contato com os neogramáticos (alguns até o consideram como neogramático). Certamente foi essa vivência que propiciou que ele desenvolvesse as ideias que vamos estudar a seguir e que ficariam conhecidas como as fundadoras de uma nova ciência que ele ajudaria a definir: a Linguística.

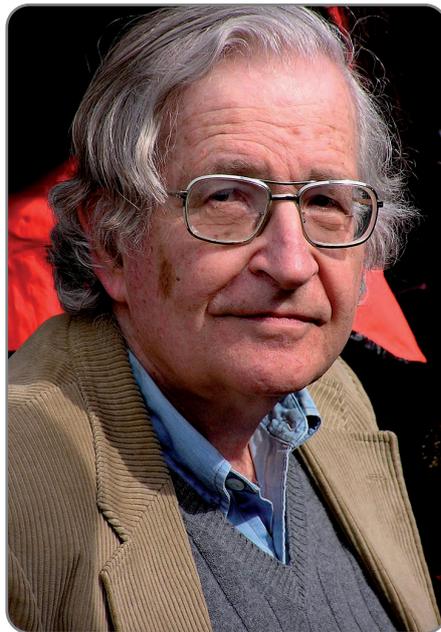
Figura 2.1: Ferdinand de Saussure.



Fonte : Wikimedia Commons (2020).

Mas, antes de continuar falando de Saussure, precisamos conhecer brevemente nosso segundo autor desta Unidade, cujo nome é Noam Chomsky, um linguista e filósofo americano que nasceu em 1928 (e que, até a data de publicação deste livro, está vivo).

Figura 2.2 Noam Chomsky.



Fonte : Wikimedia Commons (2020).

Podemos entender que as ideias de Saussure fundaram a Linguística como a ciência dos estudos da língua, e as ideias de Chomsky a aprofundaram e fizeram dela a ciência dos estudos da linguagem que conhecemos hoje.

Mas, nesse ponto, cabe a pergunta: o termo “linguística” não tinha aparecido no século XIX, como lemos na Unidade anterior? Sim, é verdade. Porém, naquela época, esse termo descrevia a área de estudos que abordava a gramática de uma língua, ou seja, a estrutura dos idiomas de modo específico. Quem estudava o sânscrito, ou o inglês, ou o francês, ou mesmo o português, com base ainda nas gramáticas greco-latinas, era chamado de linguista, por ser estudioso da língua, do idioma e de sua gramática. Esses estudos poderiam inclusive considerar a comparação entre as estruturas de duas ou mais línguas diferentes (lembra-se da gramática comparada?) bem como a busca pelos aspectos comuns entre elas (um tipo de gramática universal). Porém, vamos ver que os estudos de Saussure não seguiram exatamente o mesmo caminho desses outros.



SAIBA MAIS

Este canal do Youtube se dedica a analisar a estrutura de várias línguas do mundo sob um ponto de vista linguístico, o que pode dar uma ideia de como esse trabalho era feito antigamente. Link: <http://gg.gg/j2k0v>.

Até Saussure, os linguistas seriam os profissionais dedicados à “língua”, e esse termo poderia ser sinônimo de “idioma” sem nenhum problema. Em Saussure, o termo “língua” vai ganhar um sentido novo e vai se tornar objeto de uma ciência própria. Ou seja, quando se fala em Linguística, a partir de Saussure, não é a mesma coisa que falar em linguística no sentido utilizado no século XIX. E vamos, mais claramente, entender nos tópicos seguintes o porquê disso.

**DESTAQUE**

Vejam, em alguns trechos do primeiro capítulo de sua obra mais conhecida, como Saussure enxerga os estudos linguísticos desenvolvidos até seus dias e a relação deles com a sua visão de Linguística.

A ciência que se constituiu em torno dos fatos da língua passou por três fases sucessivas antes de reconhecer qual é o seu verdadeiro e único objeto.

Começou-se por fazer o que se chamava de “Gramática”. Esse estudo, inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito. A seguir, apareceu a Filologia. Já em Alexandria havia uma escola filológica, mas esse termo se vinculou sobretudo ao movimento criado por Friedrich August Wolf a partir de 1777 e que prossegue até nossos dias. A língua não é o único objeto da Filologia, que quer, antes de tudo, fixar, interpretar, comentar os textos; este primeiro estudo a leva a se ocupar também da história literária, dos costumes, das instituições, etc.; em toda parte ela usa seu método próprio, que é a crítica. Aborda questões lingüísticas [sic], fá-lo sobretudo para comparar textos de diferentes épocas, determinar a língua peculiar de cada autor, decifrar e explicar inscrições redigidas numa língua arcaica ou obscura. Sem dúvida, essas pesquisas prepararam a Lingüística [sic] histórica (...)

O terceiro período começou quando se descobriu que as línguas podiam ser comparadas entre si. Tal foi a origem da Filologia comparativa ou da “Gramática comparada”. Em 1816, numa obra intitulada Sistema da Conjugação do Sânscrito, Franz Bopp estudou as relações que unem o sânscrito ao germânico, ao grego, ao latim, etc. (...)

Tal escola, porém, que teve o mérito incontestável de abrir um campo novo e fecundo, não chegou a constituir a verdadeira ciência da Lingüística [sic]. Jamais se preocupou em determinar a natureza do seu objeto de estudo. Ora, sem essa operação elementar, uma ciência é incapaz de estabelecer um método para si própria.(...)

Somente em 1870, aproximadamente, foi que se indagou quais seriam as condições de vida das línguas. Percebeu-se então que as correspondências que as unem não passam de um dos aspectos do fenômeno lingüístico [sic], que a comparação não é senão um meio, um método para reconstituir os fatos. (...)

Graças aos neogramáticos, não se viu mais na Língua um organismo que se desenvolve por si, mas um produto do espírito coletivo dos grupos lingüísticos [sic]. Ao mesmo tempo, compreende-se quão errôneas e insuficientes eram as idéias [sic] da Filologia e da Gramática comparada. Entretanto, por grandes que sejam os serviços prestados por essa escola, não se pode dizer que tenha esclarecido a totalidade da questão, e, ainda hoje, os problemas fundamentais da Lingüística [sic] Geral aguardam uma solução.

Fonte: Saussure (2006, p. 7-12).

Pronto, após essa breve introdução aos nossos dois linguistas dessa Unidade, podemos iniciar, a seguir, o estudo dos principais conceitos que eles desenvolveram, bem como dos movimentos que ambos acabaram criando. E saibam, desde já, que esses movimentos influenciaram não somente os estudos linguísticos, como também as áreas de conhecimento de sua época como um todo.

2.2 A Gramática Descritiva e o Estruturalismo de Saussure

Em 1916, foi publicada a obra onde as ideias de Saussure tomaram forma, a qual é considerada, até hoje, como a fundadora da Linguística moderna, chamada *Curso de Linguística Geral* (em francês, *Cours de Linguistique Générale*).

Mas, espere um pouco! Saussure não faleceu em 1913?

Exatamente. Porém, poucos anos antes de sua morte, na primeira década do século XX, Saussure ministrou três cursos sobre Linguística na Universidade de Genebra.

Em 1916, após sua morte, dois de seus seguidores, Charles Bally e Albert Sechehaye, reuniram as anotações de alunos que haviam assistido aos cursos de Saussure e publicaram o *Curso de Linguística Geral*.

Essa obra é uma compilação das principais ideias de Saussure (na visão de seus alunos) com relação a seus estudos sobre a língua.



SAIBA MAIS

Entre o final da década dos 1990 e o início dos anos 2000, foram descobertos e publicados os manuscritos de Ferdinand de Saussure que deram origem aos cursos ministrados no início do século XX. Ou seja, enquanto o *Curso de Linguística Geral* compilou ideias do autor traduzidas na percepção de seus alunos, a obra *Escritos de Linguística Geral* compila as ideias (das partes legíveis) dos manuscritos originais encontrados (quase 100 anos após sua morte) na mansão de Saussure.

Vejam, nesta entrevista, algumas opiniões sobre esses manuscritos e sua repercussão entre os linguistas.

Link: <http://gg.gg/j2k30>

Quando estudamos a obra de Saussure, compreendemos que nasce uma nova perspectiva da Gramática de uma língua (ou de todas as línguas). Muitas vezes chamamos a Linguística de “Gramática Descritiva”, pois, diferentemente da Gramática Tradicional (aquela que muitos de nós estudamos na escola, na disciplina de Língua Portuguesa), a Linguística não tem por objetivo prescrever, regrar e normatizar a estrutura da língua. Pelo contrário, o trabalho do linguista do século XX, nessa visão, centra-se em observar e descrever, de forma generalizada, os fenômenos que ocorrem no uso da língua em determinado período de sua existência.

Com a expressão “de forma generalizada”, do parágrafo anterior, o que se quer dizer é que o estudo linguístico, na visão de Saussure, não ocorre em cima de ocorrências únicas: nem de uma situação, nem de um falante, nem de um modo, nem de um idioma específicos. Saussure estuda a língua como um “sistema” que existe, de forma abstrata, em porções, na mente de todos os seus usuários. Ou seja, língua e linguagem não são, para ele, a mesma coisa.

Ele esclarece (SAUSSURE, 2006, p. 17) que a língua:

não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente e, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita (...) ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar por nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua, ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. (...) o exercício da linguagem repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instinto natural em vez de adiantar-se a ele.

A partir dessa citação, podemos entender aspectos dos mais importantes na definição de “língua” para o autor. Como forma de aprofundamento, vamos reescrevê-la, a seguir, com alguns comentários e explicações:

não se confunde com a linguagem [língua e linguagem não são a mesma coisa]; *é somente uma parte determinada, essencial dela* [língua é uma parte da linguagem; veremos a outra parte mais adiante], *indubitavelmente e, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem* [a linguagem é uma faculdade, uma capacidade comum a todos os seres humanos; a língua é produzida pela sociedade, é um produto criado a partir da capacidade humana da linguagem] *e um conjunto de convenções necessárias* [a língua é conjunto de convenções, ou seja, de acordos criados pela sociedade que a utiliza], *adotadas pelo corpo social* [a expressão “corpo social” dá a entender que a língua não é a decisão de um

indivíduo, mas um conjunto de convenções adotado, assumido por todos os indivíduos que o utilizam] *para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos* [a expressão “exercício” nos leva a entender que a língua é a realização, a tomada de forma daquilo que inicialmente é apenas uma capacidade humana, ou seja, é a linguagem (capacidade) que toma forma de língua (exercício) por meio das convenções de uma sociedade].

A outra parte da linguagem a que Saussure se refere quando menciona que a língua é “somente uma parte determinada, essencial” da linguagem é a que ele chama de “fala”. Temos, assim, três conceitos: linguagem (em francês, *langage*), língua (*langue*), e fala (*parole*). E precisamos entender tanto como cada um deles é definido de modo independente quanto como podemos compreender a relação entre eles.

Relendo Saussure, poderíamos defini-los deste modo:

- a. a **linguagem** (como faculdade humana), se divide em dois aspectos,
- a **língua** (o sistema, abstrato, que está na cabeça de cada um dos indivíduos e que é produto das convenções de uma sociedade)
 - e a **fala** (o uso real, concreto, da língua, oral e escrito, realizado por parte de cada um dos indivíduos, com base no código convencionado pela sociedade (língua) e na capacidade humana para tanto (linguagem)).

Vejamos esta citação em que Saussure estabelece os limites entre ambas, língua e fala (*idem*, p. 22):

A língua não constitui, pois, uma função do falante: é o produto que o indivíduo registra passivamente; não supõe jamais premeditação (...). A fala é, ao contrário, um ato individual de vontade e inteligência, no qual convém distinguir: 1º, as combinações pelas quais o falante realiza o código da língua no propósito de exprimir seu pensamento pessoal; 2º, o mecanismo psico-físico que lhe permite exteriorizar essas combinações.

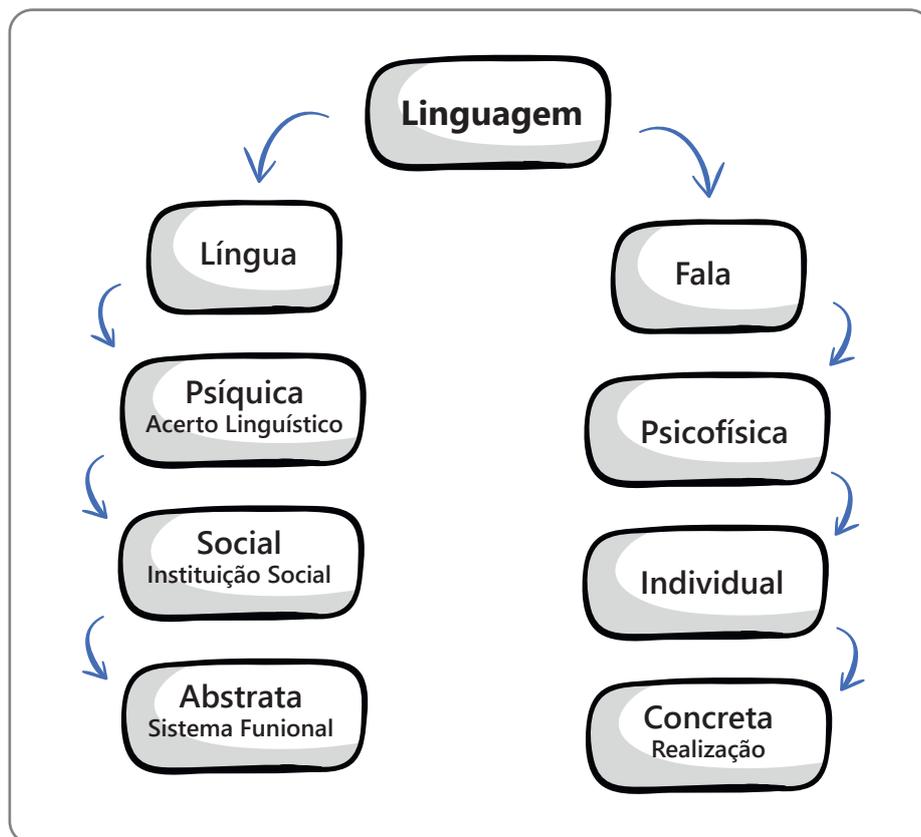


DESTAQUE

Não se deve pensar que o termo “fala” define apenas o uso oral da língua. Ele é utilizado para toda e qualquer manifestação real e concreta da língua, seja na fala (oral) ou na escrita (gráfica) ou mesmo na gesticulação (visual - língua de sinais, por exemplo).

A partir dessa definição de conceitos, Saussure então entende a Linguística como ciência de estudo do objeto “língua”, e não da “linguagem” como um todo e tampouco da “fala”, já que esta última seria complexa demais para fins de estudo, por se tratar de todas as ocorrências de fala e de escrita de cada um dos indivíduos. Ou seja, na visão de Saussure, só seria possível estudar a parte da linguagem que é mais geral, mais comum a todos os indivíduos (a língua) e não a um indivíduo específico (a fala).

Figura 2.3: Esquema de Compreensão da Linguagem para Saussure

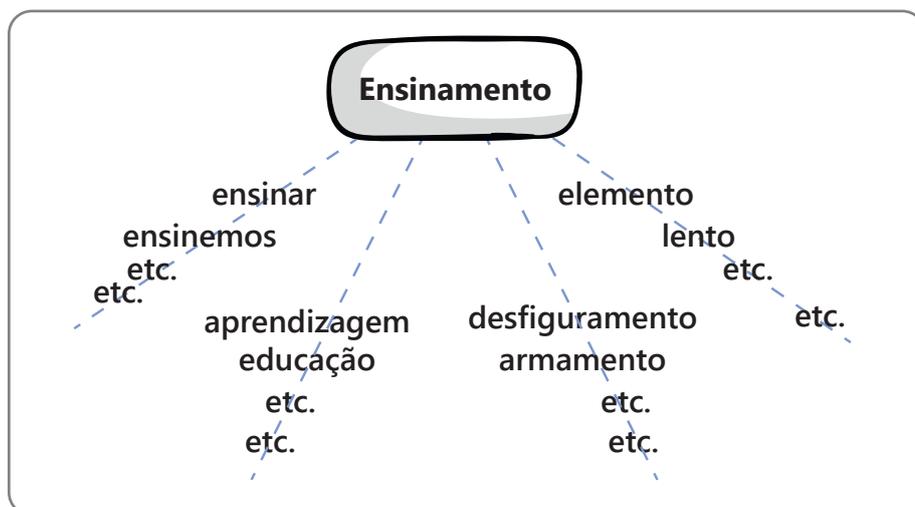


Fonte : Adaptado de Nascimento (2008, p. 268).

Ao olhar para como Saussure propõe que a língua se estrutura, entende-se que um dos aspectos mais importantes na análise linguística para ele são as relações estabelecidas entre suas partes.

Desse modo, a língua está constituída de forma sistemática (como sistema) que mantém suas partes associadas em cada uma de suas ocorrências. Vejamos a figura a seguir:

Figura 2.4: Demonstração das Relações no Sistema Linguístico



Fonte : Adaptado de Saussure (2006, p. 146).

Nascimento (2008, p. 275) nos auxilia neste entendimento, explicando:

Lendo a ilustração de Saussure da direita para a esquerda: temos semelhança formal (o radical ensin-), semelhança semântica (aprendizagem/educação), semelhança de formação (desfigurar> desfiguramento; armar> armamento) e semelhança fonética (elemento, lento). Essas relações do termo ensinamento, com outros termos da Língua Portuguesa, são estabelecidas em um espaço de tempo, ou como denomina Saussure, em uma sincronia, construindo um sistema.

A noção de “sistema”, atribuída por Saussure às relações entre as partes da língua, e também entre o seu uso individual e seu uso social, foi entendida pelos leitores do autor suíço como sinônimo de “estrutura” da língua, embora essa palavra não apareça no livro. A partir dessa compreensão de que Saussure propõe um estudo estrutural da língua, como elemento social em que as partes e o todo se relacionam e se explicam mutuamente, convencionou-se que ele inaugurou, além da ciência Linguística, um movimento, que ficou muito famoso no século XX, denominado “Estruturalismo”.



VÍDEO

Assista ao vídeo a seguir para entender um pouco mais sobre o Estruturalismo e sobre suas relações com a Linguística, ambos fundados por Saussure.

Link: <http://gg.gg/j2kdt>

PLAY



Para compreender o pensamento saussureano, muitos autores recorrem ao estudo de seus conceitos, já que, como não poderia deixar de ser, eles são vastos em uma obra que se propõe a apresentar as bases de uma nova ciência. Aqui, seguiremos essa metodologia e tentaremos entender, a seguir, alguns dos principais tópicos discutidos e definidos por Saussure.

2.3 O Signo Linguístico, Sintagma e Paradigma, a Noção de Valor, Sincronia e Diacronia.

Um dos primeiros e mais importantes princípios da obra saussureana é a conceituação de “signo linguístico”. O conceito de “signo” propriamente dito é estudado desde a cultura grega e, mais recentemente, no século XIX, foi aprofundado a partir da obra de Charles Sanders Peirce e da ciência denominada “semiótica”.

Um dos primeiros e mais importantes princípios da obra saussureana é a conceituação de “signo linguístico”. O conceito de “signo” propriamente dito é estudado desde a cultura grega e, mais recentemente, no século XIX, foi aprofundado a partir da obra de Charles Sanders Peirce e da ciência denominada “**semiótica**”.



GLOSSÁRIO

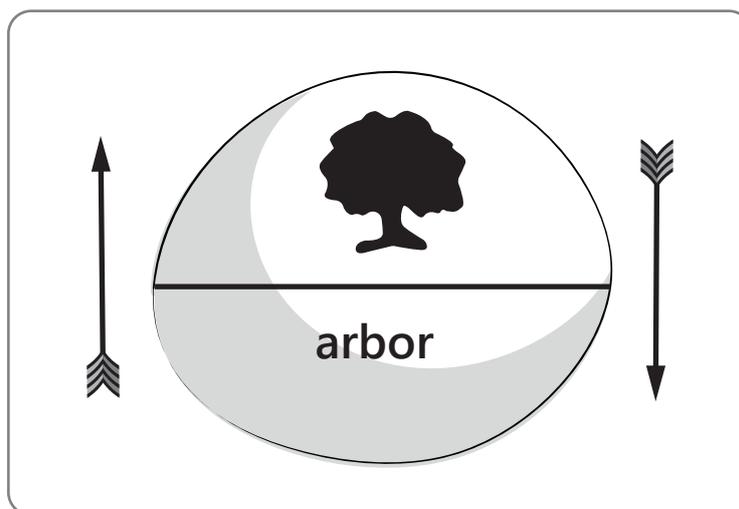
Semiótica é a teoria geral dos signos e todas as formas e manifestações que assumem (linguísticas ou não).

Fonte: Michaelis online

Para Saussure, a Linguística é parte dessa ciência (embora ele mencione, em sua obra, o termo “semiologia” e, aparentemente, considere haver diferenças entre “semiologia” e “semiótica”; essa diferença, anos mais tarde, foi resolvida pela Associação Internacional de Estudos Semióticos, que manteve em uso apenas o termo “semiótica”).

No caso do signo linguístico, Saussure apresenta a sua constituição como sendo binária, ou seja, composta de duas partes indivisíveis: “significante” e “significado”.

Figura 2.5 Estrutura do Signo Linguístico Saussureano.



Fonte : Adaptado de Saussure (2006, p. 81).

Na figura apresentada, temos a estrutura indivisível do signo linguístico, com seus dois constituintes: uma imagem, na parte superior, que representa a ideia que temos do objeto, ou seja, o “significado”; e uma palavra, na parte inferior, que representa a forma acústica que representa linguística e mentalmente o objeto (seja por som ou por escrita), ou seja, o “significante”.

Reparem que, para Saussure, a representação mental é muito importante, já que a realização sonora ou escrita da língua é a “fala” e, portanto, não é objeto da Linguística como ele a desenhou. Por outro lado, a língua, como um sistema constituído por signos, que, por sua vez, são constituídos de duas abstrações mentais, o significante e o significado, apesar de abstrata, pode e deve ser estudada como elemento basilar para a linguagem humana.

Essa definição de significante (uma forma linguística abstrata que está representada na mente) e significado (uma forma imagética também abstrata que está também representada na mente) constituem o lado individual (a representação mental do significado é uma construção mental única para cada indivíduo, por exemplo) e o lado coletivo (a associação mental e a forma do significante são uma construção social) da língua, que, para Saussure, estão em constante relação e, sem um lado, não pode existir o outro.

O signo linguístico, para o autor, além dos dois elementos constituintes, possui também dois princípios. O primeiro princípio é o de que ele é arbitrário, ou seja, é definido

a partir de uma convenção social. Veja-se que, por exemplo: o significado “grande massa e extensão de água salgada que cobre três quartos da superfície da terra; oceano” (fonte: Michaelis Online) está associado, na sociedade de falantes da língua portuguesa, ao significante “MAR” (formado de M + A + R). Mas por que esse mesmo significado não está associado, por exemplo, ao significante “DAS”? Bem, porque, justamente a mesma sociedade decidiu por não fazê-lo, mas optou por manter esse significado associado, de forma arbitrária (ou seja, sem explicação natural que não seja a decisão, a convenção de associar ambos) ao significante “MAR”.

O segundo princípio do signo linguístico é o de que há necessidade de que o significante seja apresentado linearmente. Ou seja, nem na fala, nem na escrita é possível que os significantes de dois signos diferentes ocupem o mesmo espaço: nem o mesmo espaço gráfico nem o mesmo espaço sonoro nem o mesmo espaço temporal.

Essa linearidade fica mais expressiva, na teoria apresentada pelo autor, a partir dos conceitos de “sintagma” e “paradigma”. Para ele, a existência abstrata da língua é capaz de fornecer muitas opções de signos para que ocupem uma mesma posição na realização do discurso. Dizendo de outro modo, temos, na mente, um sem número de opções de palavras quando queremos escrever ou falar algo, mas escolhemos algumas apenas, que consideramos mais adequadas. Essas opções de palavras estão presentes no “eixo paradigmático” ou “eixo associativo” e, após escolhidas, são dispostas linearmente, materializando-se no “eixo sintagmático” (o qual, como o próprio Saussure comenta, tem total relação com a sintaxe, que tem por objeto de estudos a relação entre as palavras que estão dispostas na sentença).

Há alguns aspectos que fazem com que escolhamos, entre tantas opções, alguns signos e não outros. Isso descreve a natureza do signo linguístico por meio do conceito de “valor”. De modo algum, o valor é a identidade inerente ao signo ou mesmo o seu significado. Saussure destaca que o valor só surge nas relações entre os signos (ele não surge quando o signo é observado de forma independente). Ou seja: é nas relações entre os signos que estão ao redor que um signo se define, mais pelo que ele não é do que por aquilo que ele efetivamente é.

Pode parecer complexo e confuso num primeiro momento. Mas é de grande importância compreendermos que o que Saussure defende, ao falar do “valor” de um signo, é que o signo não pode ser visto como um objeto isolado do todo. Pelo menos não frente à ideia de valor. Um signo isolado do restante da língua continua tendo seu

significante e seu significado, mas não tem “valor”, pois este só é entendido quando um signo está em relação com o outro.

Num exemplo dessa noção, em comparação a um tabuleiro de xadrez, Saussure (2006, p.104) afirma: “o valor respectivo das peças depende da sua posição no tabuleiro, do mesmo modo que na língua cada termo tem seu valor pela oposição aos outros termos”. Talvez, o exemplo mais claro seja aquele em que o autor menciona a relação entre palavras sinônimas. Diz ele (2006, p.134):

“No interior de uma mesma língua, todas as palavras que exprimem idéias [sic] vizinhas se limitam reciprocamente: sinônimos como recear, temer, ter medo só têm valor próprio pela oposição; se recear não existisse, todo seu conteúdo iria para os seus concorrentes (...) Assim, o valor de qualquer termo que seja está determinado por aquilo que o rodeia; nem sequer da palavra que significa ‘sol’ se pode fixar imediatamente o valor sem levar em conta o que lhe existe em redor; línguas há em que é impossível dizer ‘sentar-se ao sol’ (...) Se as palavras estivessem encarregadas de representar os conceitos dados de antemão, cada uma delas teria, de uma língua para outra, correspondentes exatos para o sentido; mas não ocorre assim”.

Todos esses conceitos e muitos outros constituem o pensamento de Saussure. Porém, uma de suas mais valiosas contribuições, considerando o momento histórico em que se localiza sua obra, é a compreensão de que a língua pode ser estudada a partir de seus fatos históricos, ou seja, da comparação entre um período e outro de sua existência (como, realmente, se deram os estudos até o século XIX), mas também pode ser estudada a partir de seus fatos “isolados”, ou seja, aqueles fatos que se dão em um período de análise determinado.

Ao primeiro caso, aquele em que o estudo leva em conta os fatos sucessivos em um período histórico da língua, denominamos estudo “diacrônico” (ou seja, ao longo do tempo). Ao segundo caso, aquele em que o estudo leva em conta um fato específico, simultâneo da língua, denominamos estudo “sincrônico” (ou seja, ao mesmo tempo).

Podemos exemplificar esses conceitos com o caso da palavra “você”, apresentado no quadro a seguir.

Quadro 2.1 - Exemplos de Estudos Linguísticos.

EXEMPLO DE ESTUDO DA PALAVRA “VOCÊ” SOB O PONTO DE VISTA:	
DIACRÔNICO	SINCRÔNICO
Como se deu a evolução da expressão “vossa mercê” até chegar a sua forma atual “você”?	Quais os impactos sociais gerados pelas diferenças semânticas do uso de “você” e de “tu” em um discurso informal?

Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).



REFLETINDO

Você percebe que a diacronia tem necessidade de estudar um período de tempo transcorrido, enquanto que a sincronia pode estudar um fato, um momento específico, sem considerar a passagem do tempo?

Como a prática dos linguistas até Saussure era preponderantemente diacrônica, podemos dizer que a visão de Linguística para ele inaugura um viés de estudos sincrônicos que muito contribuiu para o avanço dos conhecimentos sobre língua (e sobre linguagem e fala) que chegaram até nós, bem como abriu caminho para outros linguistas e pensadores, como é o caso do próximo grande nome da ciência da língua no século XX.

2.4 A Gramática Gerativista de Chomsky

Após o Estruturalismo de Saussure, derivaram dele muitos pensadores, muitas teorias linguísticas e muitos movimentos científicos, mas nenhum outro movimento na área da Linguística parece ter sido tão representativo quanto o Gerativismo, fundado por Noam Chomsky.

Chomsky teve, em seus pensamentos, influência de mestres como Zellig Harris, que, por sua vez, foi discípulo de Leonard Bloomfield, o responsável pela disseminação das teorias estruturalistas na Linguística americana. Bloomfield tinha seus estudos vinculados à teoria behaviorista (ou comportamentalista), muito influente em várias ciências na época, como a Linguística e a Psicologia.

No que tange à Linguística, os conceitos behavioristas estavam associados sobretudo aos estudos sobre aquisição da linguagem, seguindo a linha de B.F. Skinner, segundo a qual a linguagem seria adquirida por meio de vivências das crianças com a sua língua materna, num efeito contínuo de:

- a. receber um estímulo,
- b. dar uma resposta, e, em seguida,
- c. receber um reforço.

Com base no pensamento behaviorista/comportamentalista de aquisição da linguagem, imaginemos o seguinte exemplo: uma criança convive, desde pequena, num contexto esportivo, rodeada de jogadores de futebol. Um dia, essa criança expressa a palavra “bola”, e seus pais demonstram compreendê-la e lhe alcançam o objeto pretendido. O estímulo linguístico teria sido recebido durante a convivência da criança com aquele contexto esportivo, em que certamente ouvira a palavra “bola” diversas vezes. Ao registrá-la e reproduzi-la, estaria dando uma resposta a esse estímulo e, a partir do retorno positivo de seus pais, estaria recebendo uma confirmação, ou seja, um reforço também positivo de que estava “no caminho certo”: a “bola”, que havia escutado e reproduzido, é de fato aquele objeto, e isso poderá então ser armazenado na memória, configurando a aquisição da palavra “bola” por parte da criança.

Chomsky, em seus estudos, porém, procurou demonstrar que a aquisição da linguagem não poderia se dar dessa forma por, pelo menos, duas razões:

- a. não haveria como uma criança adquirir (por estímulo e reforço) a estrutura da língua com tanta riqueza e diversidade em tão pouco tempo de vida, e
- b. não haveria por que ela cometer “erros” ou mesmo formular frases as quais possivelmente nunca teria ouvido.

Ele concluiu, portanto, que a linguagem, diferentemente do que pensava Skinner, seria uma capacidade inata do ser humano. ou seja, existente antes mesmo do nascimento e independente das vivências das crianças. Chomsky percebeu que o fato de uma criança criar frases e palavras com erros gramaticais ou estruturas totalmente novas, ou mesmo o fato de existir um número infinito de possibilidades de frases a partir de um número finito de palavras, em todas as línguas, demonstrava que a faculdade humana da linguagem era capaz de gerar um sem número de estruturas a partir de uma quantidade finita de regras. E como? Por meio da sua característica criativa, ou seja, recursiva, ou ainda: “gerativa”.

A recursividade na linguagem é o fato de podermos gerar estruturas como as que seguem:

- a. João comeu.
- a1. João comeu o bolo.
- a2. João comeu o bolo que Joana fez.
- a3. João comeu o bolo que Joana fez e lhe deu.
- a4. João comeu o bolo que Joana fez e lhe deu semana passada.
- a5. João comeu ontem o bolo que Joana fez e lhe deu semana passada.
- a6. João e Maria comeram ontem o bolo que Joana fez e lhes deu semana passada.
- a7. João e Maria comeram ontem o bolo que Joana, mãe de Pedro, fez e lhes deu semana passada.
- a8. João e Maria, meus vizinhos, comeram ontem o bolo que Joana, mãe de Pedro, fez e lhes deu semana passada.
- a9. João e Maria, meus vizinhos, comeram ontem o bolo que Joana, mãe de Pedro, fez e lhes deu, semana passada, quando estavam de aniversário.
- a10. João e Maria, meus vizinhos, comeram ontem o bolo que Joana, mãe de Pedro, fez e lhes deu, semana passada, quando estavam de aniversário de casamento.
- a11. ...

Observando possibilidades como essas, Chomsky identificou que o que a criança precisa adquirir, além do vocabulário, é a estrutura de sua língua materna, ou seja, as regras que regem as construções do seu sistema linguístico; a gramática. Desse modo, ao conviver com sua língua, a criança recebe *inputs*, que são estímulos linguísticos, com palavras e frases, das quais, por meio da faculdade inata da linguagem, depreende as regras e, portanto, se torna capaz, quando em idade propícia, de emitir **outputs**, ou seja: palavras e frases produzidas com base na gramática da língua adquirida.

Essa é a razão pela qual as crianças são capazes de produzir expressões como: “Mamãe brigou com eu”. Possivelmente, a criança nunca tenha ouvido essa construção, mas foi capaz de criá-la a partir das mesmas regras utilizadas para construções semelhantes, como:

b. “Mamãe brigou com ele”

b1. “Mamãe brigou com Pedro”

b2. “Papai falou com ela”.



REFLETINDO

Você já tinha percebido como as crianças demonstram capacidade para criar estruturas linguísticas curiosas que nós temos certeza de nunca termos falado?

Talvez, após ler “b2”, você tenha ficado com a seguinte dúvida: mas a estrutura dessa frase não é a mesma das anteriores. Realmente, pode parecer não ser idêntica às demais em seu sentido, mas, em sua estrutura sintática, ela é exatamente igual.

Foi por essa razão que Chomsky demonstrou a diferença entre a “estrutura profunda” e a “estrutura de superfície” de uma frase. Vejam que a estrutura de superfície mostra aspectos diferentes em “b2” com relação aos demais exemplos. Porém, a estrutura profunda é a mesma. Procurem analisar as três frases a partir dessas análises a seguir:

1. Alguém + ação + com + alguém → estrutura não técnica, criada aqui para tentar retirar a influência do sentido das palavras.
2. Nome + verbo + preposição + (pro)nome → estrutura baseada nas classes de palavras e não em palavras reais.

3. Sujeito + verbo (predicado verbal) + objeto indireto → estrutura baseada nas funções sintáticas conforme nomenclatura da gramática tradicional.
4. Sintagma nominal + sintagma verbal + sintagma preposicional → estrutura baseada na proposta de análise de Chomsky

É, parece difícil separar o sentido da forma, ou seja, a estrutura de superfície da estrutura profunda. Porém, acreditem: na estrutura profunda, não há nenhuma diferença entre as frases mencionadas. O que permitiu que a criança gerasse (não por ter ouvido estrutura idêntica, mas por usar a recursividade da regra gramatical): “Mãe brigou com eu”.

Chomsky demonstrou a separação entre sintaxe e semântica ao mencionar o exemplo: “Ideias verdes incolores dormem furiosamente”. Nesse exemplo, não se pode dizer que há problemas gramaticais (estruturais), pois sintaticamente não há qualquer equívoco. Haveria problema em frases como: “Ideias dormem verdes incolores furiosamente”, ou “Dormem verdes ideias incolores furiosamente”, ou ainda “Ideias verdes incolor dormem furiosamente”.

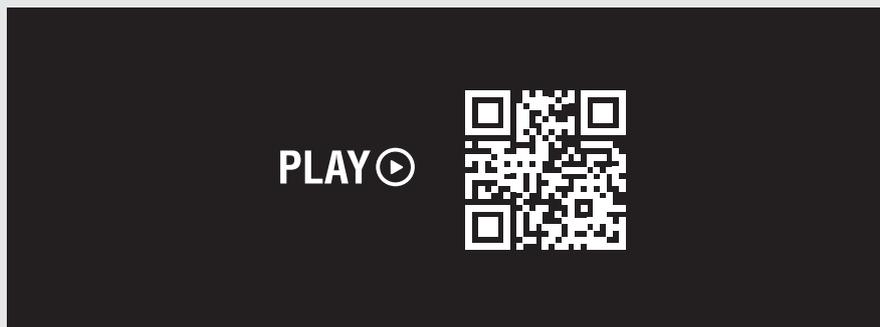
Concordamos que, semanticamente, ou seja, no que se refere ao significado, nenhuma delas faz qualquer sentido (afinal: ideias dormem? Ideias são verdes? Como ser verde e incolor ao mesmo tempo? Como se dorme com fúria?). Mas, no nível estrutural, gramatical, temos, na frase original (seguindo os mesmos tipos de análise de antes):

1. Algo + característica 1 + característica 2 + ação + modo.
2. Nome + adjetivo 1 + adjetivo 2 + verbo + advérbio.
3. Sujeito + verbo (predicado verbal) + adjunto adverbial.
4. Sintagma nominal + sintagma verbal + sintagma adverbial.

**VÍDEO**

Veja a explicação de como identificar “sintagmas” (ou “constituintes”) a partir do pensamento de Bloomfield, que certamente teve influências sobre a construção da metodologia de análise sintática de Chomsky.

Link: <http://gg.gg/j2kks>



Então como podemos entender que o que uma pessoa produz (seja na fala ou na escrita) pode ser tão diferente das regras que ela tem internalizadas desde que adquiriu a linguagem? Começaremos nosso próximo tópico falando justamente sobre isso.

2.5 Competência e Desempenho, Gramaticalidade x Agramaticalidade

Chomsky percebeu que há uma diferença entre o que as pessoas sabem sobre a gramática da sua língua materna e o que elas expressam. Além disso, na maioria das vezes, a maior parte das pessoas não consegue dizer claramente o que sabe, embora faça uso da língua constantemente. Podemos entender essa diferença por meio dos conceitos de “competência” e “desempenho”. O primeiro se refere ao que um falante tem de conhecimento sobre a estrutura de sua língua.

Por exemplo, nenhum falante de português produziria uma construção como esta: “malhados a gatos os mim pertencem”. E isso não está relacionado ao fato de esse indivíduo ter frequentado a escola ou a faculdade. Tem a ver com a gramática que está “internalizada” em sua mente desde o período de aquisição da linguagem. Por conta dessas regras adquiridas, ele será competente o bastante para saber (talvez não conscientemente) que há uma estrutura organizacional da língua portuguesa que diz que artigos precisam vir antes de nomes e que verbos precisam se relacionar com nomes, etc.

É por isso que Chomsky divide as estruturas em “gramaticais” e “agramaticais”, ou seja: as que seguem as regras da gramática da língua e as que não seguem.

Desse modo, com essas regras constituindo sua competência linguística, esse indivíduo demonstraria o segundo conceito, o de desempenho, ao usar a língua e ser capaz de produzir uma frase gramatical: “os gatos malhados pertencem a mim”.

Mas, vocês poderão perguntar: e se ele dissesse ou escrevesse “os gato malhado mi pertence”, como seria a relação entre competência e desempenho?

Repare que, no âmbito da competência, não houve alteração, dado o fato de que a estrutura permanece praticamente idêntica. Porém, no desempenho, há muitos e muitos fatores que podem estar envolvidos: nível de escolaridade, nível de alfabetização, aspectos regionais, contexto de uso, enfim. Há muitas variáveis quando se trata de considerar a forma como um usuário específico produz sentenças. Sobretudo porque, no desempenho, precisamos considerar, além da gramaticalidade e agramaticalidade, a aceitabilidade da frase.



DICA

Numa versão mais recente da teoria Gerativista, a competência é chamada de Língua-I (esse “i” significa “internalizado”, já que o conhecimento da estrutura está na mente/cérebro do indivíduo), e o desempenho é chamado de Língua-E (esse “e” significa “exteriorizado”), já que o uso da língua é feito de forma externa, nas expressões do indivíduo. A “língua” seria então a união entre esses dois conceitos:

$$\text{Língua} = \text{Língua-I} + \text{Língua-E}$$

É por essa razão que Chomsky defende que o estudo gerativista se dedique apenas ao nível da estrutura, ou seja, da competência (ou Língua-I), deixando o desempenho (o uso da língua por parte de cada um dos falantes; ou Língua-E) a cargo de outras disciplinas e campos de estudo.



DESTAQUE

Se vocês prestarem atenção, vão perceber que outro linguista já havia feito o mesmo raciocínio de Chomsky: Saussure. Lembrem que Saussure tinha dito que a Linguística não se ocupava de estudar a “fala”, mas somente a “língua”? Será que o conceito de “fala” não seria muito parecido com o que Chomsky chama de “desempenho”?

2.6 Gramática universal: princípios e parâmetros

Em vários momentos durante a história dos estudos linguísticos, a busca por uma “gramática universal” apareceu. Isso não foi diferente com Chomsky, já que o objetivo central da teoria gerativista é o de compreender como o ser humano é capaz de produzir linguagem, a partir de mecanismos de base biológica, cognitiva e hipoteticamente inatista.

No que tange à hipótese inatista, Chomsky, ao perceber que, durante o processo de aquisição da linguagem, a idade de início e a qualidade (se é que se pode chamar assim) dos outputs eram semelhantes em diversas partes, línguas e culturas do mundo, ele concluiu que haveria algum elemento universal não só no processo de aquisição e maturação da língua, mas na faculdade humana da linguagem como um todo.

Ou seja, se as crianças de qualquer lugar do planeta vinham inatamente (desde antes do nascimento) preparadas para o uso da língua (de qualquer língua), então, talvez a estrutura profunda, por exemplo, pudesse ser a mesma ou semelhante para todas as línguas.



REFLETINDO

Mas, vamos pensar: se todos os seres humanos têm a pré-disposição inata para a linguagem e possuem um conjunto de capacidades e regras que está presente em todas as línguas, por que há tantas línguas diferentes no mundo?

Foi a partir desse pensamento (por que há tantas línguas diferentes no mundo?), que, para embasar a sua teoria da Gramática Universal (GU), Chomsky estabeleceu “princípios” que são comuns a todas as línguas e “parâmetros” que são específicos para cada língua. Essa era a forma de explicar teoricamente por que, apesar de princípios universais, as línguas acabavam se diversificando e assumindo parâmetros próprios.

Para demonstrar esses dois conceitos em interação, selecionamos um exemplo, apresentado no quadro a seguir:

Quadro 2.2 Exemplo dos Conceitos de Princípios e Parâmetros.

PRINCÍPIO: TODAS AS LÍNGUAS APRESENTAM SUJEITO.						
Parâmetro: O sujeito pode estar oculto	Português		Inglês		Francês	
	SIM	_____Comes.	NÃO	<u>You</u> eat.	NÃO	<u>Tu</u> manges.

Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

Desse modo, quando uma criança nasce, universalmente, ela já tem à disposição a GU, mas não a gramática particular da língua da cultura em que nasceu. Dessa forma, a GU se comportaria como expomos no quadro abaixo:

Quadro 2.3 Desenvolvimento da GU x Gramática particular.

MATURIDADE DA CRIANÇA	ESTADO DA GU	PRINCÍPIOS	PARÂMETROS	LÉXICO
Recém-gerado	inicial	universais formais	por fixar	por adquirir
Exposição sonora a <i>inputs</i> linguísticos durante a primeira infância				
Falante	final	universais formais	fixados	adquirido

Fonte: Elaborado pelo Autor (2020).

Verificamos então que a criança nasce com todos os mecanismos para desenvolver linguagem, com princípios gramaticais prontos, que serão adaptados aos parâmetros do francês (se ela nasceu na França, na Suíça, no Canadá...) ou do inglês (se nasceu nos EUA, na Inglaterra, na Austrália...) ou do espanhol (da Espanha, ou das Américas, ou de Cuba...) ou do português (se a criança é portuguesa ou brasileira, ou mesmo de algumas partes da África). Esses parâmetros serão afixados e caracterizarão sua gramática internalizada para que a criança passe a gerar estruturas profundas e estruturas superficiais de acordo com a língua da região em que nasceu, com a qual ela teve contato desde pequena e da qual ela recebeu *inputs* desde pequena.

**DESTAQUE**

Pense em exemplos de pessoas que você conhece que não são nativas do Brasil. O que acontece com o sotaque e com algumas frases que essas pessoas falam em português? São diferentes, não é mesmo? As pessoas de origem hispânica, por exemplo, não conseguem dizer “porta” com o som aberto da vogal “ó”, pois, quando crianças, elas não receberam esse input e, portanto, não conseguem produzir esse output. Ou mesmo, falantes nativos do inglês que aprendem português e produzem frases como: “Eu preciso dinheiro”. Nos parâmetros das estruturas profundas do idioma nativo, elas não tinham necessidade de inserir a preposição “de” e, portanto, generalizam essa regra gramatical para outros idiomas também.

Após ter adquirido a gramática particular da sua língua, o falante irá então fazer uso dos processos de derivação de sentenças, descritos pela teoria gerativa. Esses processos incluem quatro componentes. São eles: sintaxe, léxico, forma lógica e forma fonética.

Para construir uma estrutura, desse modo, a sintaxe opera como um algoritmo, um sistema computacional que insere os dados de entrada e gera as sentenças conforme a situação. No primeiro passo, o léxico é selecionado e, em seguida, é montada uma representação mental abstrata da estrutura da sentença. Nessa etapa, o léxico é estudado pela mente, e cada palavra passa a ocupar um lugar, uma função, uma posição hierárquica nessa estrutura da sentença, com relação às outras palavras e aos constituintes ou sintagmas.

Em seguida, os níveis fonético e lógico são associados à estrutura já criada. Entenda-se “nível lógico” como nível semântico. Ou seja, é nessa etapa que a sentença, já estruturada gramaticalmente, ganhará uma forma sonora e um significado no seu todo. Esses dois últimos aspectos, o nível fonético e o nível lógico, estão vinculados ao desempenho (expressão) do indivíduo: da fala e das suas intenções significativas, dependendo do contexto de uso.

**VÍDEO**

Assistam a esta entrevista com o próprio Noam Chomsky, veiculada no início dos anos 90, sobre suas principais ideias: <http://gg.gg/j2I3n>.

PLAY 

SÍNTESE DA UNIDADE

Nesta unidade, continuando nossa linha histórica nos estudos da linguagem através dos séculos, estudamos os principais conceitos relacionados a dois dos principais movimentos da história da Linguística do século XX: o Estruturalismo e o Gerativismo.

No Estruturalismo:

- a. conhecemos seu fundador, e também pioneiro na definição de Linguística como a ciência cujo objeto de estudo é a língua, Ferdinand de Saussure;
- b. entendemos por que o nome do movimento tem a ver com estrutura e em que se relaciona com os estudos do século anterior;
- c. definimos as diferenças entre linguagem, língua e fala, para Saussure;
- d. estudamos conceitos como signo linguístico, significante e significado, valor linguístico, sintagma e paradigma;
- e. compreendemos por que a Linguística se dedica a estudos sincrônicos ao diferenciarmos esse conceito do de diacronia, muito utilizado até Saussure.

No Gerativismo:

- a. conhecemos Noam Chomsky, seu fundador;
- b. entendemos o nome do movimento por meio da compreensão do que é a Gramática Gerativa e quais suas bases e origens;
- c. percebemos as diferenças entre o pensamento inatista e o pensamento behaviorista;
- d. definimos os conceitos de estrutura profunda e estrutura de superfície;
- e. estudamos os conceitos de competência e desempenho, gramaticalidade e agramaticalidade;
- f. compreendemos o embasamento cognitivo, biológico e inatista da Gramática Universal e sua relação com as gramáticas particulares a partir dos conceitos de princípios e parâmetros.



REFERÊNCIAS

NASCIMENTO, E. M. F. S. Saussure: o estruturalista antes do termo. **Diálogos Pertinentes** – Revista Científica de Letras • Franca(SP), v. 4, n. 4, p. 259-276, jan./dez. 2008

SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. Organizado por Charles Bally, Albert Sechehaye. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein. 27 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

UNIVERSIDADE 
LaSalle

Viver é **evoluir**.

Av. Victor Barreto, 2288
Canoas - RS
CEP: 92010-000 | 0800 541 8500
eadproducao@unilasalle.edu.br